



Alencar / Euclides: Ser(tão) Brasil Alencar / Euclides: Ser(tão) Brazil

Dossiê: intérpretes do
Brasil

Luiz Fernando Valente*

ORCID: 0000-0001-5031-0590

E-mail:

Luiz_Valente@brown.edu

Recebido: 08/11/2024

Aprovado: 18/02/2025

Resumo:

Este artigo articula as conexões entre o imaginário do sertão e do sertanejo no romance *O sertanejo* de José de Alencar e na obra-prima de Euclides da Cunha, *Os sertões*, como fundamentais frente aos desafios apresentados pela construção da identidade nacional brasileira, revelando ambos os autores como pioneiros na linhagem dos chamados *intérpretes do Brasil*.

Palavras-chave:

Alencar; Euclides; identidade; intérprete do Brasil; sertão

Abstract:

This article articulates the connections between the imaginary of the sertão [backlands] and the sertanejo [backlander] in the novel *O sertanejo* [The Backlander] by José de Alencar and in Euclides da Cunha's masterpiece, *Os sertões* [Rebellion in the Backlands]¹ as fundamental to the challenges posed by the construction of Brazilian national identity, revealing both authors as pioneers in the lineage of the so-called *interpreters of Brazil*.

Keywords:

Alencar; Canudos; Euclides; identity; interpreter of Brazil; sertão

Em outubro de 1997, fui palestrante convidado em um simpósio internacional organizado pela Casa de Oswaldo Cruz no Museu da República no Rio de Janeiro em comemoração ao centenário do fim da Guerra de Canudos (1896-1897), o conflito sangrento no sertão do nordeste da Bahia entre exército republicano e cerca de trinta mil rebeldes, supostamente monarquistas, liderados pelo carismático Antônio Conselheiro (1830-1897), concluindo com a aniquilação do arraial após vários meses de combates. A destruição de Canudos, definida oficialmente como uma vitória da civilização moderna contra a barbárie retrógrada, tornou-se um elemento-chave na construção da identidade

* Luiz Fernando Valente é Professor Titular de Estudos Portugueses e Brasileiros e de Literatura Comparada na Brown University, onde dirigiu o Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros de 2003 a 2012. É autor de *Mundividências: Leituras Comparativas de Guimarães Rosa, História e Ficção; Convergências e Contrastes*, além de mais de oitenta e cinco artigos e capítulos de livro publicados nos Estados Unidos, Brasil e Europa. É ex-Presidente da American Portuguese Studies Association (APSA) e da Northeastern Association of Brazilianists (NAB). É fundador e co-editor da revista *Brasil/Brazil: A Journal of Brazilian Literature*, além de servir em comitês editoriais de várias revistas acadêmicas nos Estados Unidos e no Brasil.

¹ *Rebellion in the Backlands* (1944) é o título da primeira tradução de *Os sertões* para a língua inglesa, por Samuel Putnam. Uma nova tradução, por Elizabeth Lowe, foi publicada em 2010 com o título *Backlands: The Canudos Campaign*.

republicana brasileira. A guerra gerou imediatamente uma vasta bibliografia de obras históricas, que pretendiam não apenas narrar a campanha militar, mas também explicar suas implicações para a jovem república. A maioria desses trabalhos terminaram relegados a prateleiras poeirentas no fundo das bibliotecas brasileiras. Ao contrário, *Os sertões* (1902) não apenas sobreviveu, mas tornou-se tão inextricavelmente conectado no imaginário brasileiro aos eventos de Canudos que é praticamente impossível discuti-los sem mencionar Euclides da Cunha. De fato, com apenas duas exceções, todas as palestras no referido simpósio de 1997 enfocaram a obra-prima de Euclides da Cunha. A continuada relevância de *Os sertões* para qualquer discussão de Canudos é ainda mais surpreendente quando se considera que o autor, que viajou para a Bahia como correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, presenciou apenas a última fase do conflito, nunca chegou a entrar no arraial de Canudos e se apoiou em conceitos geológicos, hipóteses climatológicas e biológicas, e teorias sobre raças supostamente mais fortes e mais fracas desde muito descartados.

O que torna *Os sertões* um livro tão reverenciado e, sobretudo, ainda tão relevante, apesar de o arcabouço (pseudo) científico que o informa esteja desacreditado? As razões são múltiplas. Consideremos duas.

Primeiro, além de fornecer um relato dos eventos, *Os sertões* é uma obra profundamente erudita e reflexiva, uma verdadeira meditação sobre as origens e o destino do Brasil. Misturando narrativa e ensaio, o livro nos convida a considerar as contradições, até hoje não resolvidas, inerentes à construção da identidade nacional brasileira, especialmente a coexistência de dois “Brasis” – um, próspero, moderno, desenvolvido e principalmente branco; o outro, pobre, atrasado, subdesenvolvido e racialmente híbrido – conforme delineada por pensadores tão diversos quanto o economista Edmar Bacha e o antropólogo Roberto daMatta², somada ao contínuo desafio para integrá-los. Retomando a distinção estabelecida por Machado de Assis entre o Brasil oficial e o Brasil real³, Ariano Suassuna sugeriu, há cerca de vinte e cinco anos, que “Euclides da Cunha, que parece ter feito distinção parecida com a machadiana, procurou assinalar aqueles dois países diferentes por meio de dois emblemas: via o Brasil oficial na rua do Ouvidor, centro da nossa cultura urbana, falsificada, de segunda mão e com pretensões a cosmopolita; e o Brasil real, no emblema

² Elemento fundamental da visão euclidiana, a coexistência de dois “Brasis” se tornou um lugar-comum no imaginário brasileiro. Considere-se, entre outros exemplos, a invenção pelo economista Edmar Bacha em 1974 do termo *Belíndia* para descrever o Brasil, como o amálgama de uma “Bélgica” (moderna e rica) com uma “Índia” (atrasada e pobre), e a utilização dessa duplicidade supostamente essencial pelo antropólogo Roberto daMatta nas suas reflexões sobre a identidade brasileira em *O que faz do Brasil, Brasil* (1986) ou na original análise do romance *Dona Flor e seus dois maridos de Jorge Amado em Carnavais, malandros e heróis* (1979).

³ Em crônica publicada no *Diário do Rio de Janeiro* em 29 de dezembro de 1861, Machado escreveu: “O país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco. A sátira de Swift nas suas engenhosas viagens cabe-nos perfeitamente. No que respeita à política nada temos a invejar ao reino de Lilipute” (Assis 1962, p.104).

bruto e poderoso do sertão (Suassuna, 1999, s/p)”. Mas o autor paraibano atualiza a hipótese machadiana ao sublinhar que “o Brasil real teria, na verdade, não um, mas dois emblemas, porque os arraiais do sertão (como o de Canudos) tinham seus equivalentes urbanos nas favelas da cidade” (Suassuna, 1999, s/p).⁴

Segundo, apesar da irrefutável importância histórica e sociológica da obra, suas qualidades literárias – a beleza deslumbrante de sua prosa neobarroca, a capacidade ímpar de transformar figuras históricas em verdadeiros personagens dramáticos⁵, o ritmo épico da narração das batalhas brutais – situam *Os sertões* firmemente no cânone da literatura, e não apenas do pensamento social brasileiro. Como sugeriu Luiz Costa Lima, “o intento do historiador é designar o mundo que estuda”, enquanto o do ficcionista “é criar uma representação desestabilizadora do mundo” (Lima, 1989, p.102), ainda que o próprio Costa Lima tivesse anteriormente argumentado, em *O controle do imaginário*, ser “impróprio falar-se d’*Os sertões* como obra de ficção”, na medida em que o livro de Euclides seria “dominantemente uma obra de sociologia” (Lima, 1984, p.239), tese da qual veemente discordamos.⁶

Não deve surpreender que *Os sertões* reflita a formação científica do autor e ecoe a mentalidade positivista que na segunda metade do século XIX dominou o Colégio Aquino e a Academia Militar do Rio de Janeiro, dos quais Euclides era egresso. A prevalência de referências científicas no livro é contrabalançada, no entanto, por uma forte dependência em modelos literários.⁷ Num ensaio publicado há mais de duas décadas, demonstrei a peculiar articulação, na primeira parte de *Os sertões*, “A terra”, da teoria científica da história, formulada por Henry Thomas Buckle, com o estilo dos primeiros cronistas portugueses do Brasil, como Sebastião da Rocha Pita, cuja influência foi reconhecida por Euclides. Semelhantemente, Gilberto Mendonça Teles identificou uma variedade de escritores do século XVI ao XVIII, incluindo Luís de Camões, como fontes da oposição entre litoral e sertão, um componente fundamental do livro de

⁴ Confira-se o novo filme *Grande sertão* (2023), de Guel Arraes e Jorge Furtado, que transpõe o ambiente do sertão para a periferia urbana.

⁵ Para uma análise incisiva da teatralidade em *Os sertões*, consulte-se Berthold Zilly’s “A guerra como painel e espetáculo: a história encenada em *Os sertões*.”

⁶ Essa “desestabilização do mundo,” que Costa Lima vê como inerente à literatura, é exatamente o que Euclides realiza, embora a continuada relevância de *Os sertões* valide, num outro nível, o polêmico argumento do historiador Hayden White sobre os vínculos indiscutíveis entre a escrita histórica e a literária: “Assim como a literatura, a história avança pela produção de clássicos, cuja natureza é tal que não podem ser desconfirmados ou negados, diferentemente da maneira como o são os principais esquemas conceituais das ciências exatas. E é essa não-desconfirmabilidade que, paradoxalmente, confirma a natureza essencialmente literária dos clássicos da história. Existe algo em uma obra-prima histórica que não pode ser denegado, e esse elemento é sua forma, isto é, a forma que constitui sua ficção” (White, 1978, p.89).

⁷ As declarações do próprio Euclides apontam para sua consciência dos limites fugidios entre ciência e literatura e a preferência por obras que misturam gêneros. Em uma famosa carta ao crítico José Veríssimo, da Cunha afirmou que “escritor do futuro será forçosamente um polígrafo; e qualquer trabalho literário se distinguirá dos estritamente científicos, apenas, por uma síntese mais delicada, excluída apenas a avidez característica das análises e das experiências” (Cunha, 2009, v. II, p.875).

⁸ Consulte-se “Entre Clio e Calíope: a construção da narrativa histórica em *Os sertões*.”

Euclides, que se tornaria um *topos* na literatura e no pensamento social brasileiros.⁹ No entanto, a principal fonte literária de Euclides é, inegavelmente, o romancista José de Alencar, particularmente seu último romance, *O sertanejo* (1875), e de certa maneira o anterior *O gaúcho* (1870), com os quais *Os sertões* mantém um diálogo autoconsciente. A dívida de Euclides para com Alencar é tão profunda que seria justificável considerar *Os sertões* como o primeiro elo da "tradição alencariana" na literatura brasileira (Valente, 1994, p.141-154), linhagem que incluiria, entre outras obras, *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, *Quarup* (1967), de Antônio Callado, e *Viva o povo brasileiro* (1984) de João Ubaldo Ribeiro, todas as quais respondem à posição dominante de Alencar na literatura brasileira como seu primeiro “poeta forte”, para usarmos a terminologia clássica de Harold Bloom. Identificada por Leopoldo Bernucci em *A imitação dos sentidos*, a filiação literária entre Euclides e Alencar informará o restante deste artigo.

A estrutura tripartida de *Os sertões* – abrindo com "A terra", seguida de "O homem" e concluindo com "A luta" – revela, sem dúvida, a influência da abordagem determinista da história por Hippolyte Taine, que Euclides reconhece no prefácio. Segundo essas teorias, a guerra poderia ser explicada pela maneira como a geografia do sertão, combinada à composição racial de seus habitantes, teria determinado as condições materiais para o surgimento do jagunço, cujas ações teriam gerado o conflito e levado à eventual destruição de Canudos. Todavia, como venho argumentando ao longo das duas últimas décadas e meia, ao conceber sua obra-prima Euclides vai-se tornando cada vez mais ambivalente quanto a esse arcabouço determinista, que se revela insuficiente para explicar a discrepância entre as teorias que informaram sua formação intelectual e a realidade que o autor detectou em suas observações diretas ao cobrir o conflito. Euclides retornou de Canudos um homem muito diferente do jornalista comprometido com a causa republicana, que havia pontificado uma firme defesa da posição oficial do governo republicano, apontando os conselheiristas como bárbaros nos dois artigos intitulados “A nossa Vendaia” (Cunha, 2009, p.497-504), publicados pouco antes de o autor partir para o sertão baiano. O rigoroso determinismo da geografia e da raça é minado pela sua crescente admiração pelo sertanejo, cujas ações o autor passa a descrever como heroicas e a quem mais tarde rotula como “o cerne vigoroso da nossa nacionalidade”¹⁰ (Cunha, 2002, p.190) e “a rocha viva da nossa raça” (Cunha, 2001, p.766), rejeitando sua visão anterior do habitante do sertão como racialmente degradado e inevitavelmente condenado ao atraso e à barbárie. Pelo contrário, são as ações das tropas do governo que Euclides passa a qualificar como bárbaras, ao acusar a elite

⁹ “A palavra *sertão* tem servido, em Portugal e no Brasil, para designar o ‘incerto’, o ‘desconhecido’, o ‘longínquo’, o ‘interior’, o ‘inculto’ (terras não cultivadas e de gente grosseira), numa perspectiva de oposição ao ponto de vista do observador, que se vê sempre no ‘certo’, no ‘conhecido’, no ‘próximo’, no ‘litoral’, no ‘culto’, isto é, num lugar privilegiado — na ‘civilização.’ É uma dessas palavras que traz em si, por dentro e por fora, as marcas do processo colonizador” (Teles, 2002, p.43).

¹⁰ Todas as citações de *Os sertões* referem-se à edição anotada da obra por Leopoldo M. Bernucci.

republicana de cometer um verdadeiro crime por não incorporar o sertão e os sertanejos à nação brasileira. Para os propósitos deste ensaio, no entanto, o mais importante é notar que, à medida que se torna ambivalente em relação ao determinismo, Euclides começa a se apoiar em um modelo alternativo e mais flexível para representar os vínculos entre a terra, seus habitantes e suas ações, baseado numa retórica não-cientificista e derivado em grande parte da representação literária do sertão, a partir dos primeiros cronistas e subseqüentemente de Alencar. Foi este quem primeiro descreveu a bravura e superioridade moral do sertanejo como intrinsecamente conectadas à sua magnífica terra e à especificidade de sua herança cultural, embora desprovidas dos tons deterministas que iriam prevalecer no pensamento do final do século XIX. A visão de Alencar, típica da mentalidade romântica, transmite uma apreciação respeitosa pela unidade da vida, da cultura e da natureza, como sugere, por exemplo, seu tratamento da relação íntima e recíproca entre os humanos e os não humanos (animais), tópico a ser desenvolvido em outra ocasião. Não estou argumentando que o positivista Euclides subscreva a visão panteísta de Alencar, mas apenas que a ficção alencariana oferece a Euclides uma solução viável para o impasse causado por suas crescentes dúvidas sobre a capacidade de a ideologia científica e positivista explicar a realidade complexa e contraditória com a qual ele teve contato direto em Canudos. Em outras palavras, a ciência aprendida nas salas de aula não dá conta dos desafios e impasses derivados da sua experiência em Canudos. Euclides começa a entender que a “discordância absoluta e radical entre as cidades da costa e as malocas de telha do interior . . . desequilibra . . . o ritmo de nosso desenvolvimento evolutivo e perturba deploravelmente a unidade nacional” (Cunha 2001, p.677). Concomitantemente a realidade do sertão se transmuta numa “ficção geográfica” (Cunha, 2001, p.678).

O primeiro grande romancista brasileiro, Alencar definiu, em sua obra monumental, os parâmetros das três principais facetas da ficção brasileira, ou seja, a urbana, a histórica e a regionalista. Neste último caso, principalmente quando o cenário é o sertão, um elemento-chave foi o papel desempenhado pelo clima hostil, caracterizado pela incidência cíclica de secas na vida cotidiana e no comportamento da população da região. Já no primeiro capítulo de *O sertanejo*, é oferecida ao leitor uma descrição do estio em termos que serão imitados por Euclides em *Os sertões*:

Durante essa temporada, o sertão é como a terra seca do profeta: alguém poderia dizer que o fogo a atravessou e devorou toda a verdura, que é o sorriso dos campos e o festival das árvores - ou seu manto, como os nativos o chamavam poeticamente. [. . .] Quem atravessa o sertão pela primeira vez, após uma longa seca, experimenta uma contorção indescritível nas profundezas de sua alma, enquanto olha para essa privação de vida, esse imenso holocausto da terra. (Alencar, 1958, p.1021-1022)

Embora o estilo de Euclides obedeça prioritariamente aos preceitos naturalistas (apesar de alguns momentos em sua obra que evidenciam a dívida de Euclides para com o

Romantismo brasileiro)¹¹, não é difícil notar as óbvias conexões intertextuais entre a passagem citada acima e a seguinte:

O sol é o inimigo que é forçoso evitar, iludir ou combater. E evitando-o presente-se de algum modo, como o indicaremos adiante, a inumação da flora moribunda, enterrando-se os caules pelo solo. Mas como este, por seu turno, é áspero e duro, exsicado pelas drenagens dos pendores, ou esterilizado pela sucção dos extratos completando-se as insolações, entre dois meios desfavoráveis—espaços candentes e terrenos agros—as plantas mais robustas trazem no aspecto anormalíssimo, impressos, todos os estigmas desta batalha surda. (Cunha, 2001, p.117)

Além disso, se para Alencar as lutas contra as forças naturais “simbolizam as principais virtudes, sobriedade e perseverança dos cearenses” (Alencar, 1958, p.1022), para Euclides “o martírio do homem nessas partes é apenas um reflexo de uma tortura maior, mais difundido e que absorve toda a economia da vida. Nasce do martírio secular da terra” (Cunha, 2001, p.147). Conforme retratado por Alencar, o sertão está longe de ser estático. Muito pelo contrário, o sertão contém em si os opostos da seca e da exuberância:

A chuva da noite foi suficiente para dar aquele prado ressecado, que ontem apareceu aos seus olhos como um leito de cinzas nuas e negras, um vigor sutil e renovado, e vestir a pradaria com um novo envoltório de seda e esmeralda [. . .] Quão prodigiosa é a força criativa desta terra após seu longo período de incubação! Pode-se dizer, sem retórica falsa, que, quando vemos as primeiras flores brotando pela terra e começando a crescer, estamos testemunhando o trabalho da germinação como se fosse parte do processo mais amplo da indústria humana. (Alencar, 1958, p.1065)

Tomando a sugestão de Alencar, Euclides também mostra que o clima do sertão se alterna, inesperada e illogicamente, entre extremos infernais e celestiais:

Embruscado em minutos, o firmamento golpeia-se de relâmpagos precipites, sucessivos, sarjando fundamente a imprimadura negra da tormenta. Reboam ruidosamente as trovoadas fortes. As bâtegas de chuva tombam, grossas, espaçadamente, sobre o chão, adunando-se logo em aguaceiro diluviano... E o tornar da travessia o viajante, pasmo, não vê mais o deserto. Sobre o solo, que as amarilis atapetam, ressurgue triunfalmente a flora tropical, E uma mutação de apoteose. [...] E o sertão é um paraíso. (Cunha, 2001, p.126-130)

Estabelecida por Alencar e posteriormente endossada por Euclides, a visão do sertão em perene mudança, sempre capaz de se transformar numa outra coisa, torna-se, paralelamente à oposição mencionada anteriormente entre o litoral e o sertão, um topos na ficção sobre o sertão, culminando nas conotações metafísicas assumidas pelo sertão na obra de João Guimarães Rosa (1908-1967) e condensadas no famoso dito segundo o qual “este mundo é muito misturado” (Rosa, 1972, p.169). Desta forma, o sertão em constante mudança funcionaria como uma espécie de *ícone*¹²— no sentido que lhe atribui

¹² “Existem três tipos de signo. Em primeiro lugar, existem *semelhanças*, ou ícones, quer servem para transmitir ideias das coisas que representam simplesmente imitando-as. Em segundo lugar, existem *indicações*, ou índices, que mostram algo sobre as coisas, por estarem fisicamente conectados com elas. Tal é um marco, que aponta o caminho a ser seguido, ou um pronome relativo, que é colocado logo após o nome da coisa que pretende denotar, ou uma exclamação vocativa, como ‘Olá!’, que atua sobre os nervos da pessoa a quem se dirige e força sua atenção. Em terceiro lugar, existem *símbolos*, ou sinais gerais, que foram associados aos seus significados pelo uso. Assim são a maioria das palavras, frases, discursos, livros e bibliotecas” (Peirce 1984, s/p).

C. S. Peirce – da utopia, contemplada pelo reformista Euclides, de um futuro no qual fosse possível “incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários” (Cunha, 2001, p.682). Em outras palavras, a retórica euclidiana aponta para uma possibilidade de transformação que coloca em xeque a visão ostensivamente determinista, que é seu ponto de partida, mas certamente não será seu ponto de chegada. Reescrevendo figurativamente os ensinamentos que havia adquirido nos livros de ciência, Euclides demonstra como a leitura do *livro do sertão* pode ajudar a entender as peculiares contradições da própria brasilidade. Vale a pena citar essa passagem, com suas alusões a “mapas” e “página”, e a figuração do sertão como um *palimpsesto*, isto é, como um “texto” que deixa entrever traços do passado, imagem recorrente na narrativa de *Os sertões*, ressurgindo através da metaforização de noções provenientes da geologia:

Canudos era uma tapera miserável, fora de nossos mapas¹³, perdida no deserto, aparecendo, indecifrável¹⁴, como uma página truncada a sem-número de nossas tradições. Só sugeria um conceito - e é que, assim como os estratos geológicos não raro se perturbam, invertidos, sotopondo-se uma formação moderna a uma formação antiga, a estratificação moral dos povos por sua vez também se baralha, e se inverte, e ondula riçada de sinclinais abruptas, estalando-se em *flaults*, por onde rompem velhos estadios há muito percorridos. (Cunha, 2001, p.502)

Euclides está aqui refletindo sobre um tema que se tornará central na história intelectual brasileira durante o século passado, especialmente pela suprema tríade de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior, conforme Antonio Candido sugeriu um conhecido ensaio¹⁵: a investigação das *raízes* da identidade brasileira. Todavia, “as loucuras e os crimes das nacionalidades” (Cunha, 2001, p.781), nomeados na última página de *Os sertões*, tragicamente não permitiram compreender que “aquele afloramento originalíssimo do passado, patenteando todas as falhas da nossa evolução, era um belo ensejo para estudarmos-las, corrigirmos-las, ou anularmos-las. Não entendemos a lição eloquente” (Cunha, 2001, p.503).

Se o sertão em constante mudança teria funcionado como um *ícone* de possíveis transformações futuras, como sugerimos acima, a natureza aparece, não como um mero fator determinante, mas como um *índice*¹⁶ da violência no sertão.¹⁷ Observemos uma

¹³ A noção do sertão existindo fora de mapas será retomada por Kléber Mendonça Filho em *Bacurau* (2019), filme cuja concepção dialoga, em grande parte, com *Os sertões*.

¹⁴ A presença do *indecifrável* na obra de Euclides aponta para suas crescentes dúvidas sobre a possibilidade de a ciência captar completamente a realidade. Ver o artigo “Estrelas indecifráveis: ciência e literatura em Euclides da Cunha.”

¹⁵ Referimo-nos ao célebre ensaio de Antonio Candido, “O significado de *Raízes do Brasil*”, em que o crítico aborda *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, *Casa grande & senzala*, de Gilberto Freyre, e *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Júnior como expressões do “sopro de *radicalismo* [minha ênfase] intelectual e análise social que eclodiu depois da Revolução de 1930” (Candido 1982, p.xi).

¹⁶ De acordo com Peirce, “o índice está fisicamente conectado ao seu objeto; eles constituem um par orgânico” (Peirce, 1984, s/p). É curioso que, sem demonstrar nenhuma familiaridade com a semiótica, Euclides tenha escrito que “o sertão de Canudos é um *índice* [minha ênfase] sumariando a fisiografia dos sertões do norte” (Cunha, 2001, p.109).

¹⁷ Considere-se também a seguinte passagem: “Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltosos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante...” (Cunha, 2001, p.116).

passagem na seção “A terra”: “Espancado pelas canículas, fustigado dos sóis, roído dos enxurros, torturado pelos ventos, o vegetal parece derrear-se aos embates desses elementos antagônicos” (Cunha, 2001, p.119), isto é, a descrição¹⁸ do sertão como espaço natural antecipa os combates futuros entre as forças governamentais e os canudenses, a serem desenvolvidas na terceira parte do livro, enquanto as próprias orquídeas *cabeças de frade*, espalhadas à beira dos caminhos, seriam “a imagem singular de cabeças decepadas e sanguinolentas” (Cunha, 2001, p.124), pressagiando a “degola” perpetrada pelo exército republicano após a destruição de Canudos, que será descrita nos seus mais horrendos detalhes.¹⁹ O livro vai construindo, assim, uma visão do sertanejo como inextricável do seu *habitat*, antes que passivamente determinado pelo meio: “O homem fez-se uma componente nefasta entre as forças daquele clima demolidor. Se não o criou, transmudou-o, agravando-o” (Cunha, 2001, p.141-142). Essa interação entre o ser humano e o meio revela uma unidade entre a vida quotidiana, a cultura, e a natureza, que remonta a Alencar, surgindo em *Os sertões* parodisticamente²⁰ invertida. Significativamente, ao refletir sobre a agência do sertanejo, Euclides recorre a uma imagética de cunho afetivo, antes que a uma linguagem estritamente descritiva ou conceitual: “O jagunço começou a aparecer como um ente à parte, teratológico e monstruoso, meio homem e meio trasgo; violando as leis biológicas, o estadear resistências inconceptíveis” (CunhaA, 2001, p.647).

A natureza dual do sertão está em perfeita consonância com o caráter do sertanejo. Tanto Alencar quanto Euclides propõem que o sertanejo seria uma mistura de suas origens brancas (europeias) e indígenas. O personagem-título de *O sertanejo*, Arnaldo, combina elementos portugueses, como a fé católica e o respeito à ordem patriarcal, subsumidos na figura do coronel Campelo, com um profundo e cru conhecimento dos mistérios herdados do convívio íntimo com a terra por seus ancestrais indígenas, uma característica também destacada por Euclides: “O sertanejo [toma] em larga escala, do selvagem, a intimidade com o meio físico” (Cunha, 2001, p.203). Ignorando outras combinações raciais no sertão durante a maior parte do livro, ainda que construa nas páginas finais uma visão dos canudenses como “delatando, iniludível, a fusão perfeita de

¹⁸ Mais precisamente, poderíamos afirmar, seguindo G. Lukács, que Euclides *narra* o sertão, antes que o *descreve*. Rejeitando o método descritivo dos naturalistas que “nivela todas as coisas” (Lukács, 1968, p.66), “degenera em esboços [perdendo] o princípio natural da seleção épica,” (Lukács, 1968, p.70), e faz com que “nos romances tudo assuma um caráter episódico” (Lukács, 1968, p.75), o pensador húngaro, em seu clássico ensaio “Narar ou descrever?,” demonstra preferência pelo estilo de prosadores como Balzac e Tolstoi que, ao *selecionar* elementos aparentemente descritivos, o fazem enquanto significativos para a representação do drama humano. Lukács sugere que “as coisas só têm vida poética enquanto relacionadas com acontecimentos de destinos humanos” (Lukács, 1968, p.78).

¹⁹ “Era o prólogo invariável de uma cena cruel. Agarravam-na pelos cabelos, dobrando-lhe a cabeça, esgargalando-lhe o pescoço; e, francamente exposta a garganta, degolavam-na” (Cunha, 2001, p.728).

²⁰ A representação de Canudos como paródia é recorrente em *Os sertões*: “Feitas de pau-a-pique e divididas em três compartimentos minúsculos, as casas eram paródia grosseira da antiga morada romana” (Cunha, 2001, p. 292); “Era parodiar a norma guerreira do adversário” (Cunha, 2001, p.384); “No dia 15, como se ideassem atrevida paródia à recente vinda do comboio” (Cunha, 2001, p.599).

de três raças”²¹ (Cunha 2001, p.776), Euclides argumenta também, pelo menos inicialmente, que o sertanejo seja o mameluco, ou seja, uma mistura das raças branca e indígena: “A primeira mestiçagem fez-se, pois, nos primeiros tempos, intensamente entre o europeu e o selvícola” (Cunha, 2001, p.177). O autor estabelece uma conexão histórica entre os sertanejos e os heroicos bandeirantes (conforme estes são retratados na história oficial do Brasil), eles mesmos de sangue híbrido, português e indígena, que, de sua base em São Paulo, partiram para explorar e colonizar o oeste brasileiro, concluindo que o elemento mameluco seria “o cerne vigoroso da nossa nacionalidade” (Cunha, 2001, p.190). Emulando o medievalismo alencariano, Euclides descreve as roupas tradicionais do sertanejo como uma espécie de armadura, enquanto ambos os autores enfatizam que o vestuário do sertanejo, fabricado a partir de materiais locais, está perfeitamente ajustado ao ambiente hostil do sertão, diferentemente do vestuário europeu adotado pelas classes urbanas, completamente inadaptado ao clima brasileiro. De acordo com sua dupla identidade, e, aliás, lembrando Peri, o herói do romance indianista *O guarani* (1857), Arnaldo às vezes se comporta com a sobriedade típica de um cavaleiro medieval, enquanto outras vezes seu comportamento mostra a intrepidez estereotipicamente associada aos guerreiros indígenas na literatura indianista brasileira. Da mesma forma, Euclides, baseando-se em modelos mitológicos e literários, apresenta o sertanejo como uma amálgama de traços opostos, um “Hércules-Quasimodo” (Cunha, 2001, p.207), cujo comportamento oscila entre uma aparente indolência e uma vigorosa impetuosidade. Por fim, Alencar e Euclides constroem o sertanejo evocando o mito clássico do centauro. A destreza do sertanejo em lidar com seu onipresente cavalo é apresentada, assim, não apenas como um sinal de sua superioridade moral, mas como um exemplo da perfeita integração do homem e da natureza, ausente nas cidades “civilizadas” (isto é, europeizadas) do litoral.

Em *O sertanejo*, a suposta superioridade moral de Arnaldo informa seus embates com animais selvagens, e, em uma das passagens mais memoráveis do romance, com o legendário boi Dourado, que Arnaldo derrota, mas respeitosamente solta, numa demonstração de profunda reverência pelos não humanos e sua integração na natureza, que antecipa proposições contemporâneas da ecocrítica e do campo emergente de “animal studies”. A defesa da superioridade moral contra a força bruta ressurgiu, nos dois livros, a partir dos combates com os forasteiros que ameaçam destruir esse perfeito equilíbrio entre o ser humano e seu ambiente natural e cultural. No romance de Alencar, os antagonistas são o português Aleixo Vargas e o capitão Marcos Fragoso, o qual, apesar de dono de propriedades no sertão, passa a maior parte do tempo em Recife, tratando a vida sertaneja como uma mera forma de diversão. Na obra de Euclides, o

²¹ Observe-se a conexão entre essa passagem e a célebre fotografia de Flávio de Barros, “400 jagunços prisioneiros”, de 2 de outubro de 1897, incluída na primeira edição de *Os sertões*, que parece ter sido uma fonte de inspiração para Euclides

antagonista é o exército republicano, que aniquila Canudos, numa carnificina que demonstra uma completa ausência de respeito pelos nossos "rudes compatriotas retardatários" (Cunha, 2001, p.682).

Em suma, Alencar e Euclides expressam uma nostalgia pelo sertão como epítome das qualidades que constituiriam o que é mais autenticamente brasileiro. Na página de abertura de *O sertanejo*, Alencar lamenta que “essas regiões remotas estão perdendo sua robustez primitiva, que lhes conferia um charme único” como “a civilização que invade o interior através dos campos, abrindo novas estradas, e semeia o vasto deserto com novas casas e, posteriormente, novos assentamentos” (Alencar, 1958, p.1019). Assumindo uma postura mais combativa e menos nostálgica, Euclides acusa a elite republicana urbana de corporificar “uma civilização de empréstimo, respigando, em faina cega de copistas, tudo que melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações” (Cunha 2001, p.317). O mais importante, no entanto, é que ambos os autores desconstroem a dicotomia simplística da civilização versus a barbárie, como sendo o lado direito e seu avesso, canônica na mentalidade do século XIX. Pelo contrário, ao incorporar nossa diversidade geográfica e humana, promovem uma definição mais flexível e abrangente do projeto nacional brasileiro, com todos os seus sucessos e fracassos, um desafio que ainda não conseguimos resolver, mas do qual a literatura participa inevitavelmente.

Referências

ALENCAR, José de. *O gaúcho. Obra completa*. Vol. III. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958. p.407-618.

ALENCAR, JOSÉ de. *O sertanejo. Obra completa*. Vol. III. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958. p.1011-1257.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Crônicas*, 1º volume (1859-1863). Rio: Livro do Mês, 1962. p.104.

BACHA, Edmar. O rei da Belíndia: uma fábula para tecnocratas. In *Os mitos de uma década: ensaios de economia brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p.57-61.

BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1995.

BLOOM, Harold. *The Anxiety of Influence: A Theory of Poetry*. London: Oxford U Press, 1973.

CANDIDO, Antonio, “O significado de *Raízes do Brasil*.” In HOLANDA, Sérgio Buarque de, *Raízes do Brasil*, 15ª ed. Rio: José Olympio, 1982. p.xi-xxii.

- CUNHA, Euclides da. *Obra completa*, 2 vols. 2ª ed. Rio: Nova Fronteira, 2009.
- CUNHA, Euclides da. “A nossa Vendaia”. *Obra completa*, vol. 2. 2ª ed. Rio: Nova Fronteira, 2009. p.497-504.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões (campanha de Canudos)*. Ed. Leopoldo M. BERNUCCI. São Paulo: Atlié Editorial / Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- CUNHA, Euclides da. *Rebellion in the Backlands*. Trad. Samuel PUTNAM. Chicago: The University of Chicago Press, 1944.
- CUNHA, Euclides da. *Backlands: The Canudos Campaign*. Trad. Elizabeth LOWE. NY: Penguin, 2010.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio: Zahar, 1979.
- DAMATTA. *O que faz o Brasil, Brasil*. Rio: Rocco, 1984.
- GARBUGLIO, José Carlos. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1972.
- LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- LIMA, Luiz Costa. *A aguarrás do tempo*. Rio: Rocco, 1989.
- LUKÁCS, Georg. “Narrar ou descrever.” In KONDER, Leandro (Ed.). *Ensaio sobre literatura*. Rio: Civilização Brasileira, 1968. p.47-99.
- PEIRCE, Charles Sanders. “What Is a Sign?” (1984). Disponível em <https://www.marxists.org/reference/subject/philosophy/works/us/peirce1.htm> Acesso em 15 mar 2024.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 8ª ed. Rio: José Olympio, 1972.
- SKIDMORE, Thomas E. *Black into White: Race and Nationality in Brazilian Thought*. 1974. Durham: Duke U Press, 1993.
- SUASSUNA, Ariano. “A favela e o arraial.” *Folha de São Paulo*, “Caderno Opinião,” 27 abril 1999, s/p. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz27049907.htm> Acesso em 15 mar 2024.
- TELES, Gilberto Mendonça. O lu(g)ar dos sertões. In Rinaldo de Fernandes (Ed.). *O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões*. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p.263-302.
- VALENTE, Luiz Fernando. Palmilhando a tradição alencariana: um modelo intertextual de história literária. *Revista de Crítica Literária Latinoamericana* v.40. p.141-154, 2º sem 1994.
- VALENTE, Luiz Fernando. Entre Clío e Calíope: a construção da narrativa histórica em *O sertões*. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos* v. 5, Suplemento. p.39-55, jul 1998.

VALENTE, Luiz Fernando. 'Estrelas indecifráveis': ciência e literatura em Euclides da Cunha. *Verbo de Minas*, v. 8, n.16. p.125-141, jul-dez 2009.

WHITE, Hayden. *Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism*. Baltimore: Johns Hopkins U Press, 1978.

ZILLY, Berthold. A guerra como painel e espetáculo: a história encenada em *Os sertões*. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*. v.5, Suplemento. p.13-37, jul 1998.